

Quem tem medo da disciplina de história? Experiências de negacionismos vivenciadas no contexto escolar

Laísa Fernanda Santos de Fariasⁱ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2025-1259>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: nandafarias07@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal discutir uma situação de negacionismo que ocorreu numa instituição escolar em que uma das autoras desse relato atua e que a fez questionar não só as atuações dos profissionais que trabalham nessas instituições, como também a forma como a disciplina de História acaba entrando em rotas de colisão sempre que um tema ligado à religião, raça ou gênero são levantados. Assim, ao fazermos uma reflexão sobre a situação vivenciada, recorreremos às leituras atuais sobre o tema e ainda destacamos quais alternativas podemos recorrer quando acontecem situações que acabam questionando a seriedade da ciência histórica e os caminhos reflexivos que esta disciplina nos oferece. Vale salientar que sendo esse trabalho um pequeno relato de experiência, ele não teve a função de fazer um aprofundamento dessa temática de pesquisa, mas sim trazer à luz mais uma experiência vivenciada de negacionismo dentro do Ensino de História.

Palavras-chave: História. Sala de aula. Negacionistas.

Who is afraid of history? Experiences of denial in the school context

Abstract: The main objective of this paper is to discuss a situation of denialism that occurred at a school where one of the authors of this report works. This situation led her to question not only the actions of the professionals working there, but also the way in which the discipline of History ends up colliding whenever a topic related to religion, race, or gender is raised. Thus, in reflecting on the situation, we draw on current readings on the topic and also highlight the alternatives we can use when situations arise that ultimately question the seriousness of historical science and the reflective paths this discipline offers us. It is worth noting that, as this work is a brief experience report, it was not intended to delve deeper into this research topic, but rather to shed light on yet another experience of denialism within History education.

Keywords: Teaching. Internship. Training.

¿Quién le teme a la historia? Experiencias de negacionismo en las escuelas

Resumen: El objetivo principal de este artículo es analizar una situación de

ⁱ Laísa Fernanda Santos de Farias é Supervisora da rede municipal de ensino de João Pessoa-PB e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN.

negacionismo ocurrida en una escuela donde trabaja una de las autoras de este informe. Esta situación la llevó a cuestionar no solo las acciones de los profesionales que trabajan allí, sino también la forma en que la disciplina de la Historia termina colisionando cuando se plantea un tema relacionado con la religión, la raza o el género. Por lo tanto, al reflexionar sobre la situación, nos basamos en lecturas actuales sobre el tema y también destacamos las alternativas que podemos utilizar cuando surgen situaciones que, en última instancia, cuestionan la seriedad de la ciencia histórica y los caminos reflexivos que esta disciplina nos ofrece. Cabe destacar que, al ser este trabajo un breve relato de experiencia, no se pretendió profundizar en este tema de investigación, sino más bien arrojar luz sobre otra experiencia de negacionismo en la enseñanza de la Historia.

Palabras-chave: Historia. Aula. Negacionistas.

Submetido: 26/04/2024 | Revisado: 27/04/2024 | Aceito: 29/04/2024 | Aprovado: 29/04/2024.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As discussões que serão direcionadas neste trabalho partiram de situações que têm sido corriqueiras em nossas salas de aulas e que dizem respeito a forma como a disciplina de História tem sido questionada em suas atividades no cotidiano escolar a depender da temática que é levantada em diversas atividades durante o ano letivo.

Com isso, citamos como situações corriqueiras os temas que têm gerado debates em nossas escolas por carregarem pontos de convergência seja entre a esquerda e a direita, seja a partir de questões ligadas ao Negacionismo e ao Revisionismo histórico, como também situações diversas em que o professor de História e demais profissionais da educação que tem se deparado e que precisam muitas vezes ter que ter debates calorosos sobre a seriedade da pesquisa histórica. Como cita a Historiadora Maria Lígia Prado, em seu artigo Defesa do Ensino de História nas Escolas (2021):

Vivemos no Brasil um período em que grupos com tendências marcadamente conservadoras desqualificam as Humanidades em geral, propõem um revisionismo historiográfico sem embasamento teórico ou empírico e desacreditam os princípios que fundamentam a ciência moderna. Desse modo, precisamos retomar temáticas que pareciam já ter sido superadas pelo tempo. (Prado, 2021, 51)

Neste sentido, para um melhor entendimento do futuro leitor deste trabalho, o nosso escrito será dividido da seguinte forma: em um primeiro momento falaremos das situações que ocorreram em nossas instituições escolares ao mesmo passo que iremos destacar as discussões atuais dentro dos estudos sobre o ensino de História que debatem temas que levam a referida disciplina ser questionada a partir de sua seriedade e veracidadeⁱⁱ.

Para além disso, em um segundo momento faremos uma problematização à guisa de conclusão sobre os canais que se tornaram via de acesso para que Fake News e demais informações distorcidas cheguem até os nossos alunos e professores e contribuam para o desmonte da disciplina. Neste momento falaremos ainda da

ⁱⁱ A discussão que será levantada por meio do termo veracidade, será discutida à luz da ciência histórica, onde nos baseamos na importância de levarmos para as nossas salas de aula fontes que nos ajudem a direcionar onde e como os alunos podem se informar a partir de informações seguras.

importância do trabalho com as fontes e arquivos, além da parceria com outros profissionais para auxiliar o ensino de História, como os arquivistas, por exemplo, e levar aos nossos alunos um conteúdo seguro e bem problematizado.

Logo, os debates aqui realizados terão como suporte teórico trabalhos como: Henry Giroux que é um dos principais autores da pedagogia crítica contemporânea, onde em seu trabalho *Pedagogia crítica, neoliberalismo e a cultura do espetáculo* (2023), ele discute como o neoliberalismo e o conservadorismo cultural impactam a educação, promovem o negacionismo histórico e atacam o pensamento crítico.

Para além dessa questão a ser discutida, o autor ainda ressalta o papel transformador da História e da Educação na resistência a esses processos, dialogando diretamente com os desafios narrados, ao analisar o embate entre a ciência histórica e discursos que buscam deslegitimá-la dentro e fora da escola.

Outro trabalho que também será utilizado na discussão em se tratando diretamente das discussões relacionadas às novas abordagens e temáticas usadas pelo ensino de História, será o trabalho *Novos combates pela História* (2021), lançado pela Editora Contexto e que reúne historiadores renomados de todo o país e que no período pós pandemia se preocuparam em trazer uma nova discussão acerca de novas metodologias para serem trazidas em para a sala de aula.

Mediante isso, as situações que serão trabalhadas a seguir estiveram relacionadas às questões de cunho religioso, ou seja, discussões envolvendo preconceito com religiões de matrizes africanas, como também em relação a presença de conteúdos levados por professores para as salas de aula em que duvidavam da importância da vacina da COVID-19 e que foram retirados de veículos de caráter duvidoso.

Vale salientar que a escola onde ocorreram essas situações não será citada a fim de preservar a sua identidade, nem o nome dos profissionais que infelizmente tiveram uma postura desrespeitosa mediante a um conhecimento científico e bem sedimentado. Logo, os respectivos nomes serão identificados por exemplo, pelas letras A, B e C para que facilite a leitura e que ajude as pessoas que terão acesso a esse trabalho a se localizarem nas discussões que serão levantadas.

2 DESENVOLVIMENTO

Em uma tarde corriqueira do mês de outubro, os alunos da turma do 6º ano da escola “A” chegaram até a sala da coordenação, ou seja, o local onde fica a parte da pesquisa e organização pedagógica da escola e perguntaram se poderiam fazer um Halloween em nossa instituição. Rapidamente ficamos empolgados com a ideia, pois nesse setor da escola temos profissionais que não só são formados em pedagogia, como também em História, como também, imaginamos o quão rico seria se as crianças estudassem uma outra cultura e os seus costumes.

Nesse mesmo instante, também foi pensado no próprio processo investigativo e na problematização de uma cultura tão diferente, além do próprio desmonte de uma ideia de que uma festa como um Halloween está ligada a algo tenebroso e maligno. Desse modo, o que estava sendo levado em consideração não só era só a iniciativa dos estudantes em pesquisar sobre essa festa, mas também a oportunidade que poderíamos ter enquanto profissionais em ajudá-los a fazer uma pesquisa mais direcionada, a partir dos endereços e websites seguros e bibliografias corretas.

Assim, após esse momento inicial, direcionamos a ideia dos alunos para os professores do Ensino Fundamental II para que assim conseguíssemos concatenar melhor o que poderíamos produzir com eles, e como as disciplinas poderiam abordar um pouco da temática em seus conteúdos.

Vale salientar que, esse tipo de planejamento vai ao encontro daquilo que está descrito na BNCC que é não só valorizarmos o protagonismo do aluno, ou seja, levando em consideração a ideia da atividade sobre Halloween, como também a partir da competência 2 (dois) deste mesmo documento podemos encontrar:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. (BNCC, 2022)

Mediante isso, quando acolhemos a curiosidade dos alunos não só incentivamos essa curiosidade em torno de uma festa, como podemos ter a oportunidade de fazer com

que a diversão seja precedida por um bom embasamento teórico fruto da própria investigação e análise crítica.

Logo, continuando com o nosso relato, ao passarmos a ideia dos alunos para os professores e combinarmos como iríamos fazer, prontamente a professora da disciplina de Língua Inglesa prontificou-se a discutir a cultura americana e como essa festividade entrou nas vivências daquela população, em seguida a professora de Geografia pensou em trabalhar todo o contexto de localização dessa comemoração, ou seja, como os países Anglófonos acabaram incorporando festividades ligadas a cultura Celta e, aliada a disciplina de História iriam destacar os motivos que levaram a essa influência e como a festa de Halloween se tornou uma comemoração influente em todo o mundo.

O fato é que aqui não teremos um espaço maior para fazer uma descrição do que é essa comemoração, mas sim o fato de que as comemorações não conseguiram ser realizadas na escola, pois outro grupo de profissionais de outras disciplinas não só destacaram que fazer um Halloween numa escola seria cultuar “o demônio”, como também esse tipo de festividade estava ligada às religiões de Matriz Africana. Questão essa que acabou gerando um grande mal estar na escola, pois a escola da qual estamos percorrendo esse tipo de situação se encontra numa grande periferia brasileira e o público que atendemos é dividido em sua grande maioria entre cristãos evangélicos e umbandistas e, esses tipos de comentários dentro da escola acabaram gerando algumas situações incômodas que tiveram que ser resolvidas com conversas necessárias não só com os professores, mas também com os alunos.

De maneira geral, a proposta de se fazer um Halloween na escola nem chegou a acontecer, não pelas questões citadas anteriormente, mas pela aplicação de provas externas naquele momento e que tiveram que ser executadas dentro de um prazo curto na perspectiva de que tínhamos que dar uma devolutiva urgente às demandas da secretaria de educação.

Nesse momento, gostaríamos de fazer uma pequena ressalva a essa demanda externa. Muitas vezes na dinâmica escolar somos soterrados de avaliações externas que tem como intuito principal mapear o conhecimento dos estudantes e gerar dados e demais quadros numéricos que expressam os rendimentos desses alunos. Porém,

avaliações como essas muitas vezes acabam esvaziando a forma como o estudante aprende e como ele consegue enxergar o mundo a sua volta. Uma pesquisa como a que está sendo descrita neste trabalho, por exemplo, não consegue ser medida em uma prova padronizada e só relacionada muitas vezes ao conteúdo de Língua Portuguesa e Matemática sem explorar outras competências que não podem ser medidas em provas que muitas vezes estão fora da realidade do estudante.

De forma geral, por causa da aplicação das provas, toda a elaboração desse planejamento sobre a pesquisa e festejos sobre o Halloween não puderam ser executados na escola. Mas, o que nos chamou atenção foi a forma como alguns professores acabaram tratando o tema em sala de aula, ou seja, alguns deles e um em específico pediu que os alunos pesquisassem a “verdadeira história” do Halloween, pois segundo o mesmo festas como essa eram relacionadas ao “demônio” e ligadas às religiões de matrizes africanas.

Após esse episódio, nos reunimos enquanto equipe e professores e discutimos o quão constrangedora foi a postura de alguns professores ao tentar colocar a comemoração do Halloween nesse tipo de discussão vazia e sem nenhum propósito pedagógico. E mais, ao colocar essa festa numa posição de alusão a algo demoníaco e ainda associar a festa as Religiões de Matriz Africana que em absolutamente em nada tem haver com essa prática religiosa e mais as críticas voltadas para o Halloween também se fizeram infundadas na medida em que não houve a preocupação de alguns professores em problematizar a história dessa festa propriamente dita.

Segundo o professor Marcos Napolitano em seu trabalho *Revisionismo e Negacionismo no século XXI*, publicado na obra *Novos Combates pela História: Desafios do ensino* pela Editora Contexto em 2021, o historiador destaca que nos últimos anos a lida em sala de aula desta disciplina tem sido desafiadora perante as cobranças feitas em torno de uma “postura” que o professor de História deveria ter principalmente após o avanço da polarização política que ocorre em todo país. Nas discussões levantadas por esse estudioso temos:

Nos últimos anos, dada a polarização político-ideológica da sociedade brasileira e de outras sociedades ao redor do mundo, têm sido muito comum dois tipos de desqualificação do trabalho dos historiadores e professores de História que fazem parte desse rol de armadilhas com os seguintes argumentos:

1. Os historiadores não são “neutros” e, por causa da suposta “hegemonia marxista” na área das universidades, são mero doutrinadores de crianças e jovens inocentes.
2. Os historiadores são meros emissores de opinião travestida de pesquisa científica que oculta sua vontade de doutrinar ideologicamente no presente ao estudar o passado. (Napolitano, 104, 2021)

Por meio desse pensamento destacado por esse historiador, duas questões podemos trazer para a situação ocorrida na escola acima descrita: a primeira é que na condição de supervisão e a partindo da análise de uma primeira formação podemos atestar que uma formação marxista, caso um professor de História tivesse tido uma formação voltado só para ela, não faz dos professores dessa disciplina doutrinadores e influenciadores de um determinado escopo de ideais. Logo, o profissional formado com esse viés só terá uma visão de mundo e de pesquisa voltados para o estudo de como a sociedade e a sua produção material estão imbricados.

Outra situação em que podemos relacionar a discussão de Napolitano com o relato de experiência testemunhado, relaciona-se ao segundo ponto quando ele traz o fato dos historiadores serem acusados de meros emissores de opinião, questão essa que não condiz com a realidade, pois as formações do curso de História são pautadas no diálogo com as mais diversas fontes, bem como com outras áreas de conservação de arquivos e dos profissionais que trabalham com esse ramo como é o caso dos arquivistas, uma profissão que não só tem crescido no Brasil, mas que mesmo diante da transformação de arquivos físicos em digitais, também tem acompanhado esse processo lutando por uma melhor organização e no trato com documentos considerados patrimônios históricos ou não.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do relato de experiência desse ataque direto sofrido a um conteúdo abordado também pela disciplina de História concluímos que de fato o Brasil vem

passando por um processo de polarização política e intolerância religiosa muito forte, questão essa que ficou claro no momento em que a festa de halloween foi associada a algo maldoso e, essa característica foi imediatamente ligada às Religiões de Matriz africana.

Mediante isso, percebemos que ao mesmo tempo em que temos profissionais que trabalham seriamente com a pesquisa e a seleção dos conteúdos, bem como o respeito à Lei 10.639/03, também temos profissionais que se passaram a consumir conteúdos ligados a fake news, negacionismos e ao revisionismo histórico, e é nesse perfil que devemos nos preocupar.

Enquanto coordenação e trabalhando numa escola que imediatamente transformou o acontecido em pauta de reunião e tão logo repreendeu esse tipo de comportamento em sala por parte de alguns professores, sempre buscamos trazer para as discussões da nossa instituição um ensino antirracista e democrático, ou seja, que abrace a diversidade.

Sem mais, finalizamos esse trabalho na esperança de que a escola pública seja não só um local de pesquisa, mas também de denúncia em relação a práticas racistas e excludentes. Pois, ao fazermos isso estamos contemplando alunos que vêm de tradições religiosas não cristãs e que também precisam ser protegidos de situações diretas e indiretas de preconceito.

REFERÊNCIAS

PRADO, Maria Lígia. **Defesa do Ensino de História nas Escolas**. 2021.

GIRIOUX, Henry. **Pedagogia crítica, neoliberalismo e a cultura do espetáculo**. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. Revisionismo e Negacionismo no século XXI. In: **Novos Combates pela História: Desafios do ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2021. p. 104.

BRASIL. **BNCC (Base Nacional Comum Curricular)**. Competência Geral nº 2 (relacionada à investigação e pensamento crítico). 2022.